



# APRENDERES AFETADOS E A PRODUÇÃO DE POLÍTICAS OUTRAS DE NARRATIVIDADE DESDE UM DEVIR-TRAVA

Leandro Leal <sup>1</sup>  
Neilton dos Reis <sup>2</sup>  
Tatiane Cosentino Rodrigues <sup>3</sup>

## RESUMO

Este trabalho se desdobra de percursos de pesquisa de doutoramento em Educação que se constroem nos e pelos encontros com as afetações provocadas pela existência do corpo-território de Linn da Quebrada. Assumindo o corpo como território existencial em expansão, nos entregamos a produzir e acompanhar mapas que vão sendo construídos nas cartografias intensivas e afetivas, desde os efeitos desses atravessamentos nos corpos das pessoas pesquisadoras, até pistas que esse processo formativo vai oferecendo às pesquisas científicas na área da Educação. Como re-inventar uma (outra) educação da sensibilidade e operar com o saber-do-corpo, tendo como intercessora principal a existência pulsante de uma corpa byxa travesti / transvestigênera? Como fazer da escrita uma máquina produtiva de fuga que cria e inventa e fabula e produz outros mundos possíveis, outras formas de habitar os territórios existenciais, incluindo a Academia e as pesquisas com/em/na Educação? Apostamos, assim, num aprender afetado, na produção de grafias existenciais poéticas e criativas, estabelecendo-se uma política outra de narrativa: devir-trava.

**Palavras-chave:** Percursos de pesquisa, Cartografias, Aprender afetado, Grafias existenciais.

<><><><><>[...]<><><><><>[...]<><><><><>

Escrever para produzir perguntas, não respostas!  
Escrever sobre o que não se sabe!  
Ensaiar linhas de fuga!  
Re-Viver!

<><><><><>[...]<><><><><>[...]<><><><><>

4

<sup>1</sup> Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos - PPGE/USFCar, [leandroleal@live.com](mailto:leandroleal@live.com); Trabalho realizado com apoio da CAPES – código de financiamento 001.

<sup>2</sup> Doutorando em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, [neilton.dreis@gmail.com](mailto:neilton.dreis@gmail.com).

<sup>3</sup> Professora orientadora: Doutora em Educação e Mestre em Ciências Sociais na UFSCar, Professora Adjunta do Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos - PPGE/UFSCar, [tatiane.cosentino@gmail.com](mailto:tatiane.cosentino@gmail.com).

<sup>4</sup> Esses e alguns outros elementos destacados no texto foram produzidos por um dos autores do texto, Leandro Leal, e compõem a tese de doutorado *cartas d'eus: cartografias afetivas com Linn da Quebrada*. Disponível para acesso no repositório da UFSCar, através do endereço eletrônico: [https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13526?fbclid=IwAR1ZCibi4popxQkUSMexmpOPaGe\\_G8\\_J0dHGBS\\_Pd8zC1ry9T6Qo2xPvqslg](https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13526?fbclid=IwAR1ZCibi4popxQkUSMexmpOPaGe_G8_J0dHGBS_Pd8zC1ry9T6Qo2xPvqslg). (p. 57).



## INTRODUÇÃO

Este trabalho se desdobra de percursos de pesquisa de doutoramento em Educação que se construiu nos e pelos encontros com as afetações provocadas pela existência do corpo-território (MIRANDA, 2020) de Linn da Quebrada. Nesse aprender-afetado, nos propusemos a pensar sobre alguns problemas de pesquisa, dos quais destacamos: a) que aprenderes e como fomos produzindo-os no percurso da pesquisa a partir e nos/pelos encontros com a Linn (intercessora, provocadora, disparadora de afetos)?; b) quais efeitos dos atravessamentos dessas forças intensivas puderam ser sentidos no corpo de quem pesquisa? (corpo como um território existencial em expansão).

Implicados num processo cartográfico (ROLNIK, 2016; DELEUZE, 2011) e sensíveis às forças que atravessam e afetam, nos detivemos a pensar sobre mapas que iam sendo construídos a partir e com esses encontros com a subjetividade rizoma Linn. Nos interessam, nesse processo de experimentação, os mapas que dizem sobre Educação e produção de saber científico, sobretudo quanto às escritas, na medida em que ensaiam um modo outro de aprender no e pelo corpo.

Uma dobra desses problemas, que tem sido nosso foco de experimentação (como no caso deste texto), é o pensar sobre: quais mundos possíveis são criados/fabulados a partir dessa experimentação cartográfica? Como re-inventar, também para nós na Academia, uma outra educação da sensibilidade e operar com o saber-do-corpo?

Algumas possibilidades: aprender afetado, pedagogias travestis/das travestilidades, devir-trava...

## METODOLOGIA

Desde a experimentação cartográfica (de pesquisa e de escrita), decorreram alguns questionamentos que ainda tem nos colocado a pensar, nessa e em outras escritas, que aqui acabam tomando a atenção mais até que a descrição das ferramentas metodológicas efetuadas nessa pesquisa:

r) Como narrar esses efeitos intensivos de maneira cartográfica? Como tornar o texto, ele também, criação e narração de um processo? Possibilidades: *crazy-patchwork*, cartografia afetiva, cartografia de si...;

m) Como fazer dessas escritas uma máquina produtiva de fuga que cria/inventa/fabula/produz outros mundos possíveis, outras formas de habitar os territórios existenciais - inclusive a academia?

a) Uma vez que determinada escrita pode, também, ser aprisionadora e diminuidora de potência de vida, como escapar dos bloqueios e da reatividade, e afirmar vida na e pela experimentação de uma escrita que possa (ou pelo menos pretende-se) validada academicamente?

Alguns verbos tomaram poderes de efetuação nessa experimentação cartográfica, consoantes às filosofias da diferença: *acompanhar e cartografar e narrar e expressar e inventar* (e menos representar, explicar, analisar...).

*Ensaio.*

*Pelo meio.*

*Escrita em modo de povoamento.*

*Que se faz enquanto se escreve.*

*Que não conclui, se faz fluxo.*

*Caótica.*

*Que expressa, ao invés de citar e explicar.*

*Que se mostra implicada, afetada.*

*Outra política de narratividade.<sup>5</sup>*

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo mesmo da pesquisa-e-escrita (interconectadas, quase inseparáveis, uma implicada à outra...) foi se tornando de/sobre/com: invenção de outra política de narratividade que acionasse/produzisse outros aprenderes (sem a qual não seria possível sequer mesmo apresentar um texto acadêmico, como o exigido para a defesa de doutorado). Efetua-se, assim, pela e na criação, a produção de outro modo de aprender, que afetado pelos encontros com a Linn e demais intercessoras, ia se abrindo para a diferença, para possíveis não explorados, iam ativando o saber-do-corpo, que se apresentava sensível ao encontro com signos que afetam e obrigam a pensar...

---

<sup>5</sup> Compõe a tese de doutorado mencionada anteriormente (p. 46).

Essas experimentações vão indicando a efetivação de um *estilo de escrita* com algumas características que soam estranhas aos olhos treinados pelos textos do circuito acadêmico hegemônico. Como exemplo, destacamos: a escolha por, em determinados lugares, acentuar a conexão entre os termos com a repetição dos “e... e... e...”, ao invés de utilizar a vírgula; a quebra de frases em vários pedaços, às vezes com vírgulas colocadas em lugares estrategicamente pensados para demarcar outros sentidos, enfatizar essa ou aquela expressão e ideia; o uso de parênteses e colchetes e chaves de maneira constante, com sentidos que vão sendo compreendidos na medida dos usos desses sinais...

E por que e para quem estou escrevendo isso?  
Escrita em modo de povoamento, lembro.  
Escrevo essas linhas para quem me acompanha.  
Quem me provoca, me atravessa, me faz pensar.  
[e, por pensar e não escrever, que produz e esquece]  
Escrita caótica e esburacada.  
Que está COM, mas não mostra QUEM.  
Que esquece com quem.  
Que perde a referência.  
Que se faz no caos e na bagunça das civilizações pesteadas.  
Que é encontro e rede.  
Palavras povoadas e que povoam.<sup>6</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzimos ainda mais perguntas que, nesses processos que continuam nos envolvendo nas/pelas pesquisas-e-escritas-e-vidas, tem nos movimentado a pensar sobre esses aprenderes afetados e a produção de políticas outras de narratividade, que sejam desde o que chamamos de devir-trava.

---

<sup>6</sup> Compõe a tese de doutorado mencionada anteriormente (p. 60).

Possibilidades: devir-trava, aprender afetado, pedagogias travestis - grafias existenciais, poéticas e criativas, que produzem novas políticas de narratividade, outros possíveis que aumentem a potência de vida.

Ainda sobre possibilidades:

- devir-trava: impossibilidade de capturar a vida em variação / sentido de potência da travestilidade.

- escrita que tem relação com a ideia de devir-trava: o texto, nessa perspectiva, tem que criar disparadores, não apenas respostas; efetuar potência de matilha, criar saídas múltiplas; experimentações também textuais, considerando as subjetividades rizomas implicadas >> afirmação de vida, re-invenção de outra política de narratividade.

Nos provocando a pensar, reativamos alguns sentipensares narrados nos *pensamentinhos*<sup>7</sup>:

- 1) Cartas-ensaios de eus para não sei quem: pluralidade de vozes e dimensões afetivas em várias intensidades, que se revezam e se criam e se potencializam e...: AO DIZER, inventar outra política da narratividade em que os modos de dizer sejam compatíveis com as problemáticas de e com e para quem se diz.
- 2) Transgredir desde a forma, o estilo de confecção do texto, dos retalhos, dos fragmentos.
- 3) A pesquisa é sempre um enfrentamento, é sempre uma tentativa de decifração daquilo que violenta.
- 4) Sub-versão (versão minoritária).
- 5) Aprendizagem = invenção.
- 6) Quais saídas podemos inventar? O quê e até onde podemos profanar a “santidade acadêmica”?
- 7) É preciso uma desaprendizagem das normas!
- 8) Ser trans e falar só de trans, de transfobia. Preta e falar só de racismo. O que essas pessoas fazem quando não estão falando (‘só’) disso?
- 9) Escrever é sempre no presente, mesmo quando diz de passados e/ou futuros.
- 10) Incômodo de usar apenas fontes já consolidadas e não ter tanto espaço pra conhecimento da rua, do mundo... tem que ser tudo apenas livro, texto, coisa publicada no circuito acadêmico?
- 11) Devir-trans / devir-trava / devir-traveco: experimentações...
- 12) Cartografia é criação de mundos. Cartografar é, de algum modo, fazer arte.
- 13) IMPOSSÍVEL capturar vida em variação: devir-trava.

---

<sup>7</sup> Pedaco que compõe a tese já citada neste texto.





- 38) Educação: modo de criar a si e ao mundo (Tarcísio).
- 39) eus >> tudo, menos identidade / n-1 / eu com n rostos que caibam.
- 40) É produção, não produto / experimentação, não experiência.
- 41) Dizer o que precisa ser dito da maneira como é possível.
- 42) Ana Godoy: escrever é dizer da vida >> começar pelo que impressiona, deixar o corpo contemplar o que se passa, experimentar >> abertura de caminho para aquilo que se precisa dizer.
- 43) Linn marca meu corpo. Mas como? Como expressar, se é mais ‘sentir’ que ‘entender’?
- 44) Há coisas ditas/sentidas pelo corpo que a linguagem não dá conta de traduzir!
- 45) Pesquisa-escrita como modo de potencializar o agir, a potência do corpo.
- 46) Inventar outra coisa, desviar, derivar, escapar: afirmação da vida.
- 47) ...

## AGRADECIMENTOS

Ser ou não ser:  
essa não deveria ser a questão.

Ser trans pra mim é libertar-se. É não ser ator nem atriz: é ser atroz. É ir atrás. Estar à frente. É enfrentar. É atuar sobre si mesma. É assumir riscos. É ter a dádiva de duvidar da vida. Ser Trans é ter peito. E também é não ter. Ser Trans é genial, não genital. Não é do caralho, nem de xoxota. É de corpo inteiro. É reinventar-se e criar sobre a própria existência. Ser Trans é confuso, é borrar os limites, é rascunho. Ser Trans é poesia. É assumir-se corpo. Ir além. Ser criação e criadora. A médica e a monstra. Ser Trans é divino. É obra de d'eus. De todos os eus que me constituem. Não é obra das trevas. É obra das travas. Ser trans é um ato de coragem. É um campo de batalha. Ser trans é entregar-se. É não abrir mão de si. O que pode ser, algumas vezes, solitário. Mas tenho me encontrado em outras solidões. E tenho percebido que não estou sozinha. Não estamos. Eu soul Trans. E celebro minha existência. Celebro as nossas vidas, nossas conquistas. Se eu não fosse Trans, gostaria de ser.

Linn da Quebrada<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Descrição de um vídeo com apresentação ao vivo de “Mulher”, postada em 29 de janeiro de 2017 no canal da Linn, no Youtube. Disponível em: <http://you.tube/-50hUUG1Ppo>



Pela Linn. Por tudo que aprendemos com ela, por ela, através dela. Por esse devir-trava, por essa necessidade que ela nos impôs de continuarmos lutando – mesmo sem ela saber, nos fez re-criar o sentido de viver. Em rede, com afetividade, com carinho, com alguma esperança. Ela foi a grande porta pra mundos possíveis, a mais efetiva intercessora, a maior provocadora de aprenderes [...]. Pelo que, através dela, atravessa e ecoa: atraveca.

## REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Pereira ima. **Percursos de uma pesquisa.** Fazer filosofia com o corpo na rua: experimentações em resistência. [Livro em processo de editoração, a ser publicado em 2020 – a autora gentilmente permitiu acesso a algumas partes do livro].

BIXA TRAVESTY. Direção: Claudia Priscilla e Kiko Goifman. Roteiro: Claudia Priscilla, Kiko Goifman e Linn da Quebrada. Produção: Evelyn Mab e Kiko Goifman. Fotografia: Karla Meneghetti. Trilha Sonora: Linn da Quebrada. Estúdio: Paleotv, Válvula Produções. Montadora: Olivia Brenga. Distribuidora: Arteplex Filmes. 2018.

CADERNOS DE SUBJETIVIDADE. Vários autores. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo: o Núcleo. Vários anos, várias edições.

DE BRITO, Maria dos Remédios de. Cartografia... uma política de escrita... **Rev. Polis e Psique**, Belém, PA, Brasil, v. 7, n. 00, p. 167-180, 2017.

DE BRITO, Maria dos Remédios; COSTA, Dhemersson Warly Santos. Atos de criação: o corpo e a escrita. Seminário Conexões, 8., Campinas, SP, 2019. **Caderno de anais [do] VIII Seminário Conexões [recurso eletrônico]**. Sílvia Gallo, Marcelo Vicentin, Mirele Corrêa (orgs.). Campinas, SP: UNICAMP/FE, 2019. 361 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2.** Vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011 (2ª Edição – 2011 / 2ª Reimpressão - 2017). 128p. (Coleção TRANS).

DOS PASSOS, Maria Clara Araújo. **Pedagogia das travestilidades.** Trabalho de Conclusão de Curso – Pedagogia. PUC-SP. São Paulo, 2020.

LINN DA QUEBRADA. **Página da artista no Facebook / Perfil do Instagram / Página Comercial.** Disponível em: <https://www.facebook.com/mclinndaquebrada/>; <https://www.instagram.com/linndaquebrada>; <https://www.linndaquebrada.com/>.

MENDES, Tarcísio Moreira. **Uma Educação esquizita.** Uma Formação bricoleur – processo ético e estético e político e econômico. 2015. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, 2015.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-territorio & educacao decolonial:** proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador : EDUFBA, 2020.



MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. **Revista Concinnitas**, v. 1, n. 28, p. 334-354, 2016.

RIBETTO, Anelice. **Experimentar a pesquisa em educação e ensaiar a sua escrita**. UFF Niterói, 2009 . Disponível em:

[http://www.uff.br/pos\\_educacao/joomla/images/stories/Teses/TESE%20ANELICE%20RIBETTO.pdf](http://www.uff.br/pos_educacao/joomla/images/stories/Teses/TESE%20ANELICE%20RIBETTO.pdf).

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2016.